

Baía da Esperança

Baía da Esperança

JOJO MOYES

Tradução de Vera Ribeiro



Copyright © Jojo Moyes, 2007

TÍTULO ORIGINAL

Silver Bay

REVISÃO

Luiz Felipe Fonseca

Breno Barreto

DIAGRAMAÇÃO

Kátia Regina Silva | Babilonia Cultura Editorial

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© Sarah Gibb

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

899b

Moyes, Jojo

Baía da esperança / Jojo Moyes ; tradução Vera Ribeiro. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.

304 p. ; 23 cm.

Tradução de: Silver bay

ISBN 978-85-8057-873-7

1. Romance inglês. I. Ribeiro, Vera. II. Título.

15-26062

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Lockie, por tudo que ele é e por tudo que será

PRÓLOGO

Kathleen

Meu nome é Kathleen Whittier Mostyn e, aos dezessete anos, fiquei famosa por pescar o maior tubarão já visto em Nova Gales do Sul: um tubarão-cinza de olhar tão malvado que, dias depois de ser colocado em exposição, ainda passava a impressão de querer me rasgar ao meio. Isso foi na época em que Silver Bay era totalmente dedicada à pesca esportiva, então, durante três semanas inteiras, não se falou de outra coisa além daquele tubarão. Um repórter veio de Newcastle e tirou uma foto minha, em pé ao lado do bicho (sou a que está de maiô). Na fotografia, o tubarão é muito mais alto que eu, e olhe que o fotógrafo me obrigara a colocar salto alto.

O que se vê é uma garota alta, bastante sisuda, mais bonita do que era de se supor, de ombros muito largos, para desespero de sua mãe, e com uma cintura tão fina que nunca precisou de espartilho, de tanto enrolar molinete e curvar o corpo com a vara de pescar. Ali estou eu, sem conseguir disfarçar meu orgulho, ainda sem saber que ficaria vinculada àquele animal pelo resto dos meus dias, como se fôssemos casados. Não dá para ver que ele estava suspenso por dois cabos que meu pai e seu sócio, o Sr. Brent Newhaven, seguravam. Puxá-lo para a terra havia distendido vários tendões do meu ombro direito, e, quando o fotógrafo chegou, eu sequer seria capaz de levantar uma xícara de chá, muito menos um tubarão.

Mesmo assim, aquilo bastou para consolidar minha reputação. Fiquei conhecida durante anos como a Garota do Tubarão, mesmo quando deixei de ser jovem. Minha irmã Norah sempre brincava dizendo que, considerando minha aparência naquele dia, deviam ter me chamado de Ouriço-do-mar. Mas meu pai sempre disse que foi o meu sucesso que salvou o Hotel Baía da Esperança. Dois dias depois de publicada aquela foto no jornal, estávamos com todos os quartos ocupados, e assim continuamos até a ala oeste do hotel pegar fogo, em 1962. Os homens vinham porque queriam bater meu recorde. Ou por presumirem que, se uma *garota* podia fisgar um animal daqueles, ora essa, o que um pescador *de verdade* não seria capaz de conseguir? Alguns apareciam para me pedir em casamento, mas meu pai sempre disse que era capaz de farejar esses caras antes que chegassem a Port Stephens e os despachava de volta. As mulheres surgiam porque, até então, nunca haviam pensado que pudessem capturar alguma coisa na pesca esportiva, muito menos competir

com os homens. E as famílias vinham porque Silver Bay, com sua baía protegida, suas dunas intermináveis e suas águas claras, era um ótimo lugar para visitar.

Às pressas, construíram dois novos cais para dar conta do tráfego adicional de barcos, e todos os dias o ar era tomado pelo som de remos batendo e motores de popa, enquanto a baía e o mar à sua volta eram praticamente esvaziados de vida marinha. A noite ficava agitada com o ronco dos motores de automóveis, músicas relaxantes e o tilintar de copos. Houve uma época, na década de 1950, em que não era muito fantasioso afirmar que éramos o local da moda para se frequentar.

Hoje em dia, ainda temos nossos barcos e cais, embora usemos apenas um, e as pessoas procuram algo bem diferente. Faz quase vinte anos que não seguro um anzol. Já não me interessa muito por matar nada. O lugar aqui é bastante sossegado, mesmo no verão. Quase todo o trânsito das férias segue para as boates e os arranha-céus do setor hoteleiro, para os prazeres mais óbvios de Coffs Harbour e Byron Bay, e, verdade seja dita, para a maioria de nós está ótimo assim.

O recorde ainda é meu. Está registrado num daqueles livros enormes que vendem aos milhões, mesmo que nunca tenhamos conhecido alguém que os compre. Os editores fazem a gentileza de me ligar, de vez em quando, para me informar que meu nome será incluído por mais um ano. Ocasionalmente, as crianças das escolas locais passam aqui para me dizer que viram meu nome em um livro na biblioteca, e sempre finjo surpresa, só para deixá-las felizes.

Mas o recorde ainda é meu. Não digo isto para me gabar, ou porque, para uma mulher de setenta e seis anos, é boa a sensação de um dia ter feito algo notável, mas porque, quando alguém está cercado por tantos segredos como eu, é bom dizer as coisas abertamente, algumas vezes.

Hannah

Se alguém enfiasse a mão inteira, até o pulso, provavelmente encontraria pelo menos três tipos diferentes de biscoito no pote do *Moby I*. Yoshi dizia que as tripulações dos outros barcos sempre economizavam nos biscoitos, comprando os de araruta, que eram mais baratos, vendidos em embalagens econômicas no supermercado. Mas ela achava que, se a pessoa pagava quase cento e cinquenta dólares para ir atrás de golfinhos, o mínimo que podia esperar era um biscoito decente. Por isso ela comprava os amanteigados Anzac — grossos, com muita aveia e duas camadas de chocolate —, Scotch Finger e Mint Slice — com recheio de hortelã, embrulhados em papel prateado — e, vez ou outra, quando conseguia, arranjava alguns caseiros. Lance, o comandante, dizia que Yoshi comprava biscoitos decentes porque isso era praticamente a única coisa que ela comia. Ele contava também que, se um dia o patrão a flagrasse gastando tanto dinheiro com aquilo, iria parti-la ao meio, como uma bolacha. Fiquei olhando para os biscoitos quando o *Moby I* zarpou para Silver Bay, segurando a bandeja enquanto Yoshi oferecia chá e café aos passageiros. Minha esperança era que eles não comessem todos os amanteigados Anzac antes que eu tivesse a chance de pegar um. Eu saíra sorrateiramente de casa sem tomar café da manhã e sabia que Yoshi só me deixaria pôr a mão no pote quando fôssemos para a cabine de comando.

— *Moby I* para *Suzanne*, quantas cervejas você tomou ontem à noite? Está pilotando feito um bêbado pernetá — falou Lance pelo rádio.

Ao entrarmos na cabine, fui logo enfiando a mão no pote de biscoitos e peguei o último Anzac. O rádio chiou e uma voz resmungou alguma coisa que não consegui entender. Lance tentou de novo:

— *Moby I* para *Doce Suzanne*. Olhe, é melhor você endireitar o rumo, parceiro... Tem quatro passageiros debruçados na sua amurada, lá na frente. Toda vez que você dá uma guinada, eles batem nas janelas de estibordo.

A voz de Lance MacGregor dava a impressão de ter sido esfregada com palha de aço, como os costados do barco. Ele afastou uma das mãos do leme, e Yoshi lhe entregou uma caneca de café. Eu me escondi atrás dela. Os borrifos de água na parte de trás do uniforme azul-marinho que ela usava cintilavam feito lantejoulas.

— Você viu Greg? — perguntou Lance.

Ela assentiu.

— Dei uma conferida nele antes de zarparmos.

— Está tão mal que não consegue navegar em linha reta — comentou Lance, apontando pela janela cheia de gotas d'água para o barco menor. — Escute o que estou dizendo, Yoshi, os passageiros dele vão pedir reembolso. O de chapéu verde não levanta a cabeça desde que passamos pela Ilha do Nariz Quebrado.

Yoshi Takomura tinha o cabelo mais bonito que já vi. Parecia uma nuvem negra emoldurando seu rosto e nunca ficava embaraçado, apesar dos efeitos do vento e da água salgada. Enrolei nos dedos uma das minhas mechas castanho-claras, que tinha ressecado, apesar de só fazer meia hora que eu estava no mar. Minha amiga Lara me disse que a mãe ia deixá-la fazer luzes dali a quatro anos, quando completasse quinze anos. Nesse instante, Lance me viu. Acho que eu sabia que ele notaria minha presença.

— O que está fazendo aqui, Tampinha? Sua mãe vai me esfolar vivo. Você não tem aula, não?

— Férias — respondi, voltando para trás de Yoshi, um pouco sem jeito.

Lance sempre falava comigo como se eu tivesse cinco anos a menos.

— Ela não vai atrapalhar — disse Yoshi. — Só queria ver os golfinhos.

Olhei para ele, puxando minhas mangas para cobrir as mãos. Ele retribuiu o olhar, depois deu de ombros.

— Você vai usar o colete salva-vidas?

Assenti.

— E não vai me atrapalhar?

Inclinei a cabeça. Até parece que eu teria coragem, dizia meu olhar.

— Seja legal com ela — falou Yoshi. — Já vomitou duas vezes.

— É o nervosismo — expliquei. — Minha barriga sempre faz isso.

— Ah... Merda. Olhe aqui, só trate de dizer à sua mãe que eu não tive nada a ver com isso, está bem? E escute, Tampinha, da próxima vez, vá para o *Moby II*... Ou, melhor, vá para o barco de outra pessoa.

— Faça de conta que você nem a viu — sugeriu Yoshi. — Mudando de assunto, as manobras do Greg nem são metade da história. — Sorriu. — Espere até ele girar o barco e você ver o que esse cara fez no costado da proa.

Como disse Yoshi ao sairmos da cabine, aquele era um bom dia para navegar. Apesar do mar agitado, os ventos eram fracos e o ar estava tão límpido que dava para ver a espuma a quilômetros de distância, parecendo cavalos brancos montados nas ondinhas. Segui Yoshi até o convés do restaurante principal, minhas pernas assimilando sem esforço o balanço do catamarã. Eu me sentia um pouco menos constrangida, pois o comandante descobrira que eu estava a bordo.

Yoshi dissera que essa seria a parte mais atarefada do passeio para observar golfinhos: o trecho entre a partida e nossa chegada às águas protegidas em torno da baía, onde os golfinhos-nariz-de-garrafa costumavam se reunir. Enquanto os passageiros ficavam sentados no convés superior, enrolados em seus cachecóis de lã e apreciando o dia frio com céu limpo de maio, Yoshi, a comissária, arrumava a mesa do bufê, oferecia bebidas e, se o mar ficava agitado, o que acontecia quase todos os dias, pois o inverno estava se aproximando, preparava o desinfetante e o balde para lidar com os enjoos. Olhando para os asiáticos bem-vestidos que compunham a maioria da clientela matinal, ela reclamou que, por mais que se falasse com os passageiros, eles *sempre* ficavam no convés inferior, *sempre* comiam e bebiam depressa demais e *sempre* vomitavam nos banheiros minúsculos, em vez de se debruçarem sobre a amurada, deixando os banheiros inutilizáveis. E, com um toque maldoso de prazer, contou ainda que os japoneses passam o resto da viagem num frenesi silencioso de humilhação, escondidos atrás dos óculos escuros e das golas levantadas, direcionando resolutamente os rostos pálidos para o mar.

— Chá? Café? Biscoitos? Chá? Café? Biscoitos?

Segui-a até a proa, erguendo a gola do meu casaco impermeável para proteger o pescoço. O vento havia amainado um pouco, mas eu ainda sentia a friagem, que picava meu nariz e a extremidade das orelhas. A maioria dos passageiros não quis nada, pois estava conversando em voz alta para ser ouvida acima do barulho dos motores, olhando para o horizonte distante e tirando fotos uns dos outros. De vez em quando, eu enfiava a mão no pote de biscoitos para pegar o que achava que eles iam escolher.

O *Moby I* era o maior catamarã de Silver Bay. Em geral, a embarcação contava com duas comissárias, mas a presença dos turistas se tornou cada vez mais rara com a queda da temperatura e, por isso, agora apenas Yoshi embarcaria, até os negócios voltarem a melhorar. Eu não me importava, afinal era mais fácil convencê-la a me deixar subir a bordo. Ajudei-a a repor os bules de chá e café nos suportes e fui novamente com ela até o estreito convés lateral, onde nos encostamos nas janelas e ficamos observando o mar, e o barco menor continuava cortando as ondas no seu rumo irregular. Mesmo a essa distância, dava para ver que havia mais pessoas debruçadas nas amuradas do *Suzanne*, com a cabeça encolhida sob os ombros, ignorando a tinta vermelha abaixo deles.

— Agora podemos tirar dez minutos de folga. Tome — disse Yoshi, abrindo e me entregando uma lata de refrigerante. — Já ouviu falar na teoria do caos?

— Hum — respondi, dando a entender que talvez tivesse ouvido.

— Ah, se aquelas pessoas soubessem — comentou, apontando para elas, enquanto sentíamos os motores reduzirem a velocidade — que seu tão esperado pas-

seio para ver golfinhos na natureza foi destruído por uma ex-namorada que nunca vão conhecer e por um homem que está morando com ela a mais de duzentos e cinquenta quilômetros daqui, em Sydney, e que acha que bermuda de ciclismo roxa é uma roupa aceitável para se usar durante o dia...

Tomei um gole do refrigerante. O gás fez meus olhos lacrimejarem e engoli com esforço.

— Você quer dizer que o enjoo dos turistas no barco do Greg é por causa da teoria do caos?

Eu achava que era por ele ter ficado bêbado de novo na noite passada.

Yoshi sorriu e disse:

— É mais ou menos isso.

Os motores foram desligados, o *Moby I* parou e o mar silenciou à nossa volta, a não ser pela conversa dos turistas e pelas ondas que lambiam os costados. Eu adorava estar do lado de fora, adorava ver minha casa virar um pontinho branco na faixa estreita de praia e depois desaparecer atrás das enseadas intermináveis. Talvez eu sentisse um prazer ainda maior por saber que estava contrariando as regras ao fazer aquilo. Eu não era uma rebelde de verdade, mas acho que gostava dessa ideia.

Lara tinha um bote e permissão para sair sozinha com ele, desde que ficasse entre as boias que demarcavam os antigos viveiros de ostras, e eu sentia inveja dela. Minha mãe não me deixava circular pela baía, apesar de eu ter quase onze anos. “Tudo tem seu tempo”, murmurava. Não adiantava discutir essas coisas com ela.

Lance apareceu ao nosso lado. Ele havia acabado de tirar uma foto com duas adolescentes que davam vários risinhos. Era comum as garotas lhe pedirem para posar com elas, e, pelo que sabíamos, até então ele nunca tinha recusado. Era por isso que gostava de usar seu quepe de comandante, dizia Yoshi, mesmo quando o sol estava quente a ponto de derreter sua cabeça.

— O que ele escreveu no costado do barco? — perguntou Lance, semicerrando os olhos para a embarcação de Greg, ao longe.

Parecia ter me perdoado por eu estar a bordo.

— Eu lhe digo quando voltarmos ao cais.

Notei que ela arqueou a sobrancelha para mim.

— Eu sei ler o que está escrito lá, sabiam? — protestei.

O outro barco, que até o dia anterior tinha o nome de *Doce Suzanne*, estava sugerindo, em tinta vermelha, que “Suzanne” fizesse algo que Yoshi argumentava ser uma impossibilidade biológica. Ela se virou para Lance, baixando a voz ao máximo, como se achasse que eu não conseguia ouvir:

— A mulher afinal admitiu que tinha outro.

Lance assobiou demoradamente.

— Era o que ele dizia. E ela negava.

— Era difícil admitir, sabendo como Greg reagiria. E ele estava longe de ser inocente... — Yoshi me olhou de relance. — Enfim, ela foi morar em Sydney e falou que quer metade do barco.

— E ele, o que foi que disse?

— Acho provável que o texto do barco fale por si só.

— Nem acredito que ele saiu com turistas com a embarcação daquele jeito — comentou Lance, erguendo os binóculos para examinar melhor as letras rabiscadas em vermelho.

Yoshi fez um gesto para que ele lhe entregasse os binóculos.

— Ele estava tão mal hoje de manhã que acho que nem se lembra do que fez.

Fomos interrompidos pelos gritos animados dos turistas no convés superior, que se acotovelavam para chegar à plataforma alta da proa.

— Lá vamos nós — resmungou Lance, empertigando-se e sorrindo para mim. — Aí estão nossos trocados, Tampinha. Hora de voltar ao trabalho.

Yoshi me contou que às vezes eles percorriam a baía inteira sem que os golfinhos dessem o ar da graça, e um barco cheio de observadores insatisfeitos era um barco cheio de segundas viagens gratuitas e reembolsos de cinquenta por cento, duas coisas que com certeza enlouqueceriam o patrão.

Na proa, um grupo de turistas se espremia, as câmeras zumbindo, tentando captar as formas reluzentes e cinzentas que nadavam sobre as ondas. Olhei para a água, querendo saber quem tinha aparecido para brincar. No convés inferior, Yoshi enchera uma parede com fotos das nadadeiras dos golfinhos da área. E dera nomes a todos: Zigue-zague, Cortado, Flautista... Os outros membros da tripulação tinham dado risada dela, mas agora todos reconheciam as diferentes nadadeiras. Era a segunda vez que viam a Faca Cega naquela semana, murmuravam. Eu sabia de cor o nome de cada um.

— Parece que são o Polo e a Sombrinha — disse Yoshi, inclinando-se sobre a amurada.

— Aquele é o filhote da Sombrinha?

Os golfinhos, cinzentos e silenciosos, descreviam arcos pela água, circundando o barco como se eles mesmos fossem os turistas. Toda vez que um rompia a superfície, só se ouvia o som das máquinas fotográficas disparando. O que os golfinhos pensariam de nós, observando-os de boca aberta? Eu sabia que eram tão inteligentes quanto os humanos. Imaginava que os golfinhos depois se reuniam, perto das pedras, para rir de nós na sua língua, comentando sobre “aquele com o chapéu azul” ou “o dos óculos engraçados”.

A voz de Lance ressoou nos alto-falantes:

— Senhoras e senhores, por favor, não corram para o mesmo lado para ver os golfinhos. Vamos girar o barco devagar, para que todos possam ter uma boa visão.

Se todo mundo correr para um lado só, o barco pode virar. E golfinhos não gostam de barcos que viram.

Olhando para cima, notei dois albatrozes, que pararam no ar, recolheram as asas e mergulharam, levantando um borrifo mínimo de água. Um deles tornou a alçar voo, descrevendo círculos à procura de uma presa invisível. O outro se juntou a ele e os dois planaram alto sobre a pequena baía e desapareceram. Fiquei observando as aves se afastarem. Depois, enquanto o *Moby I* mudava de posição, me debrucei lentamente sobre a amurada e encaixei os pés sob a madeira inferior, para ver meus tênis novos. Yoshi tinha prometido que me deixaria sentar nas redes de portaló quando estivesse mais quente, para que eu pudesse tocar nos golfinhos e até, quem sabe, nadar com eles. Mas só se minha mãe deixasse. E todos sabíamos o que isso significava.

Tropecei quando o barco fez um movimento inesperado. Levei um segundo para perceber que os motores tinham sido ligados de novo. No susto, me agarrei ao corrimão da amurada. Eu tinha crescido em Silver Bay e sabia que havia um jeito de agir perto dos golfinhos: desligar os motores, quando a gente queria que eles brincassem; se continuassem a se mover, era só manter um curso paralelo e permitir que guiassem o barco. Os golfinhos deixavam tudo muito claro: quando gostavam da gente, aproximavam-se ou mantinham uma distância regular, mas quando não nos queriam por perto, nadavam para longe. Yoshi me olhou com o cenho franzido e, após um solavanco do catamarã, agarramos as cordas salva-vidas. Minha confusão espelhou-se no rosto dela.

Uma aceleração repentina fez o barco disparar para a frente e, lá em cima, os turistas desabaram aos gritos nas cadeiras. Estávamos voando.

Lance falava pelo rádio. Quando subimos aos tropeços para a cabine e paramos atrás dele, vimos o *Doce Suzanne* navegando a certa distância, quicando sobre as ondas, parecendo não se importar com o número cada vez maior de pobres infelizes que se debruçavam sobre as amuradas.

— Lance! O que está fazendo? — questionou Yoshi, agarrando um corrimão.

— Vejo você lá, parceiro... Senhoras e senhores. — Fez uma careta e apertou o botão dos alto-falantes. *Preciso de tradução*, murmurou, só mexendo os lábios. — Esta manhã temos algo especial para oferecer. Os senhores já desfrutaram da visão mágica dos nossos golfinhos de Silver Bay, mas, se conseguirem se segurar bem, gostaríamos de levá-los a algo *realmente* especial. Foram avistadas as primeiras baleias da temporada, um pouco mais além. São as jubartes que passam todo ano por nossas águas, durante sua longa migração do Antártico para o norte. Juro que é algo que os senhores nunca mais vão esquecer. Agora, por favor, sentem-se, ou segurem-se bem. As coisas podem ficar meio agitadas porque as ondas do sul são um pouco maiores, mas quero garantir que conseguirei levar vocês até lá a tempo

de verem as baleias. Se alguém quiser ficar na proa, sugiro que pegue emprestado um casaco impermeável. Há vários aqui dentro, na popa.

Ele girou o leme e fez sinal para Yoshi, que segurou o microfone. Ela repetiu em japonês o que Lance dissera e, para completar, também deu a informação em coreano. Depois comentou que era perfeitamente possível que houvesse apenas recitado o cardápio do almoço do dia anterior, pois não conseguia se concentrar desde que Lance fizera o anúncio. Uma palavra não saía da sua cabeça, nem da minha: *baleia!*

— A que distância? — perguntou Yoshi, com o corpo rígido, vasculhando as águas cintilantes.

O clima tranquilo de antes havia desaparecido por completo. Meu estômago ficou embrulhado.

— Quatro, cinco milhas... Não sei. O helicóptero de turismo sobrevoou a área e disse ter visto o que pareciam ser duas baleias, a cerca de duas milhas de Torn Point. Ainda é um pouco cedo para a temporada, mas...

— No ano passado, foi no dia 14 de junho. Não é tão cedo assim — disse Yoshi. — Caramba! Olhe só o Greg! Ele vai perder passageiros se continuar nessa velocidade. O barco dele não é grande o bastante para enfrentar essas ondas.

— Ele não quer que a gente chegue na frente. — Lance balançou a cabeça e verificou o velocímetro. — Força total. Vamos garantir que *Moby I* seja o primeiro este ano. Pelo menos uma vez.

Alguns tripulantes trabalhavam nesses barcos para acumular horas de navegação, tendo navios maiores e empregos melhores em vista. Outros, como Yoshi, haviam começado a trabalhar com isso como parte da sua formação universitária e simplesmente se esqueceram de voltar para casa. Mas, qualquer que fosse a razão deles para estar ali, fazia muito tempo que eu percebera que havia certa magia na primeira visão das baleias na temporada de migração. Era como se, até que uma criatura fosse vista, fosse impossível acreditar que voltariam.

Ser o primeiro a vê-las não significava grande coisa, pois assim que soubessem que havia baleias lá, todos os cinco barcos que operavam a partir do Cais das Baleias trocariam de atividade, passando da observação de golfinhos para a de baleias. Mas era algo importante para as tripulações. E, como toda grande paixão, essa os deixava loucos. Nossa, eles ficavam mesmo enlouquecidos!

— Olhe só para aquele grande idiota. É engraçado como está conseguindo manter o rumo agora — esbravejou Lance.

Greg estava a bombordo de nós, mas parecia ganhar velocidade.

— Ele não suporta a ideia de chegarmos lá primeiro — comentou Yoshi, que pegou um casaco impermeável e jogou para mim. — Tome! É só para o caso de irmos para a proa. Vai ficar bem molhado.

— Porra, não acredito! — Lance tinha avistado outro barco no horizonte. Devia ter esquecido que eu estava ali, para soltar um palavrão. — Lá vai o Mitchell! Aposto que passou a tarde toda sentado perto do rádio e agora surge, todo metido a importante, com o barco provavelmente cheio de passageiros. Um dia desses ainda meto a porrada naquele cara.

Estavam sempre reclamando de Mitchell Dray. Ele nunca se dava o trabalho de procurar os golfinhos, como os outros faziam. Ficava só esperando, até ouvir pelo rádio que um grupo tinha sido avistado, e ia para o mesmo lugar que todo mundo.

— Vou mesmo ver uma baleia? — perguntei.

Sob nossos pés, o casco batia ruidosamente nas ondas, portanto eu era obrigada a me segurar com força. Pela janela aberta, ouvia as vozes animadas dos turistas e as risadas dos que eram atingidos pelas ondas mais fortes.

— Cruze os dedos — respondeu Yoshi, com os olhos fixos no horizonte.

Uma baleia de verdade. Eu só tinha visto uma baleia uma vez, com minha tia Kathleen. Em geral, não me deixavam ir para alto-mar.

— Ali... Ali! Não, é só espuma. — Yoshi tinha erguido os binóculos. — Você não pode mudar o curso? A água está refletindo muito.

— Não se você quiser que eu seja o primeiro a chegar — disse Lance.

Ele virou o barco para estibordo, tentando alterar o ângulo da luz do sol nas ondas.

— Devíamos falar com a terra pelo rádio. Descobrir exatamente onde o helicóptero viu as baleias.

— Não adianta — discordou Lance. — De lá para cá, podem ter se deslocado duas milhas. E Mitchell está à escuta. Não vou dar mais nenhuma informação para aquele cretino. Ele passou o verão todo nos roubando passageiros.

— Só preste atenção ao esguicho.

— É. E à bandeirinha que diz “Baleia”.

— Só estou querendo ajudar, Lance.

— Ali! — gritou ele. Mal consegui discernir a forma, que mais parecia uma pedra preta distante afundando na água. — Nor-nordeste. Indo para trás da Ilha do Nariz Quebrado. Acabou de mergulhar.

Achei que ia passar mal de tanta empolgação. Ouvi Lance começar a contar, atrás de mim:

— Um... dois... três... quatro... *baleia!*

Um inconfundível esguicho de água se ergueu alegremente acima da linha do horizonte. Yoshi deu um grito estridente. Lance olhou para Greg, que, seguindo seu rumo, não notou a baleia.

— Pegamos ela! — sibilou Lance.

Para ele, todas as baleias eram “ela”, assim como todas as crianças eram “tampinha”.

Baleia. Senti a palavra na boca, saboreando-a. Meus olhos não desgrudaram da água. O *Moby I*, aquele catamarã enorme, mudou de curso e foi batendo com força em cada onda. Atrás da ilha, imaginei a baleia saltando, exibindo ao mundo sua barriga branca, numa demonstração de contentamento nunca visto.

— Baleia — sussurrei.

— Seremos os primeiros — murmurou Yoshi, empolgada. — Pelo menos uma vez, vamos chegar primeiro.

Vi Lance girar o leme, contando aos sussurros para controlar o número de vezes que a baleia esguichava. Com mais de trinta segundos de intervalo entre os esguichos, era provável que ela estivesse mergulhando para o fundo. Se esse fosse o caso, a teríamos perdido. Intervalos mais curtos significavam que ela já havia mergulhado antes e teríamos a chance de segui-la.

— Sete... oito... Ela subiu. *Isso aí!!* — Lance bateu a palma da mão no leme e pegou o microfone. — Senhoras e senhores, se olharem à sua direita, poderão ver a baleia, que está seguindo para trás daquela ilha.

— Greg percebeu para onde estamos indo. — Yoshi sorriu. — Agora não nos alcança nunca mais. O motor dele não tem potência suficiente.

— *Moby I* para *Horizonte Azul*. Mitchell — gritou Lance pelo rádio —, se quiser ver esta beleza, vai ter que sair da minha esteira.

A voz de Mitchell soou no rádio:

— *Horizonte Azul* para *Moby I*. Só estou aqui para garantir que tenha alguém para recolher os passageiros que Greg jogar para fora do barco.

— Ah, não tem nada a ver com o peixeão? — retrucou Lance, em um tom incisivo.

— *Horizonte Azul* para *Moby I*. O mar é grande, Lance. Tem espaço para todo mundo.

Enquanto observava a ilhota mirrada crescer no horizonte, segurei com tanta força a borda de madeira da mesa das cartas marítimas que fiquei com os nós dos dedos brancos. Imaginei se a baleia nadaria mais devagar por lá, se nos deixaria chegar mais perto. Talvez levantasse a cabeça e nos olhasse. Talvez nadasse até o costado do barco e mostrasse seu filhote.

— Dois minutos — informou Lance. — Vamos contornar a ilha em dois minutos. Tomara que a gente chegue perto dela.

— Vamos lá, menina. Dê o seu show — disse Yoshi para si mesma, com os binóculos ainda erguidos.

Baleia, pedi em silêncio, *espere pela gente, baleia*. Eu me perguntei se ela repararia em mim. Se perceberia que eu, de todas aquelas pessoas no barco, era a que tinha uma ligação especial com os animais marinhos. Eu tinha certeza de que sim.

— Cacete! Eu... não... acredito! — Lance havia tirado o quepe e olhava pela janela, de cara amarrada.

— O que foi? — perguntou Yoshi, inclinando-se para ele.

— Olhe.

Segui o olhar dos dois. Quando o *Moby I* contornou a ilha, todos nós ficamos em silêncio. A uma pequena distância da ilhota coberta de vegetação rasteira, a meia milha nas águas azul-turquesa, o *Ishmael* estava parado, com seu costado recém-pintado reluzindo ao sol do meio-dia.

Minha mãe estava no leme, debruçada sobre a grade da amurada, o cabelo esvoaçando em torno do rosto, por baixo do boné desbotado que ela insistia em usar quando navegava. Apoiava o peso do corpo numa perna, e Milly, nossa cadela, parecia dormir embaixo do leme. Mamãe dava a impressão de estar lá há anos, à espera daquela baleia.

— Como é que ela fez isso, porra? — Lance captou o olhar furioso de advertência de Yoshi e se virou para mim, dando de ombros como se pedisse desculpas. — Não é nada pessoal, mas caramba...

— Ela sempre chega primeiro — reagiu Yoshi, achando graça e, ao mesmo tempo, um pouco resignada. — Todos os anos, desde que cheguei aqui, ela é sempre a primeira.

— Perdi para uma maldita inglesa. Vamos tão mal quanto no críquete. — Lance acendeu um cigarro e jogou o fósforo longe, revoltado.

Saí para o convés.

Nesse momento, a baleia emergiu. Enquanto prendíamos a respiração, surpresos, ela levantou a cauda, espirrando um borrifo enorme de água na direção do *Ishmael*. Os turistas no convés superior do *Moby I* comemoraram e aplaudiram. O bicho era enorme e estava tão perto que dava para ver a protuberância das cracas que cobriam seu corpo e sua barriga branca e ondulada; tão perto que pude encará-lo por um breve instante. Mas tudo ocorreu numa rapidez absurda. Apesar de algo daquele tamanho não ter o direito de ser tão ágil.

Fiquei sem ar. Com uma das mãos agarrada às cordas de salvamento, usei a outra para levantar os binóculos, mas não olhei para a baleia, e sim para minha mãe, mal ouvindo as exclamações sobre o tamanho do animal e sobre a onda que ele fez surgir perto do barco menor, e por um instante esqueci que não devia deixar que ela me visse. Mesmo àquela distância, pude perceber que Linda McCullen sorria, os cantos dos olhos franzidos e curvados para cima. Era uma expressão que raras vezes, ou até mesmo nunca, ela exibia em terra firme.

Tia Kathleen foi até a extremidade da varanda, onde colocou uma grande travessa de camarões e uns pedaços de limão na mesa de madeira desbotada, ao lado de uma enorme cesta de pão. Na verdade, ela é minha tia-avó, mas diz que isso a faz se sentir uma verdadeira antiguidade, então a chamo quase sempre de tia K. Atrás dela, as tábuas brancas que revestem a fachada do hotel ganharam um leve brilho

com o sol do entardecer: um tom de pêssego tão vermelho quanto o fogo que ia descendo pelas oito vidraças das janelas. O vento estava um pouco mais forte, e o letreiro do hotel rangia ao balançar para a frente e para trás.

— Isso é para o quê? — perguntou Greg, que ergueu a cabeça, afastando-a da garrafa de cerveja que segurava.

Ele tinha finalmente tirado os óculos escuros, e as olheiras fundas deixavam transparecer os acontecimentos da noite anterior.

— Ouvi dizer que você precisava forrar o estômago — disse tia K, abrindo um guardanapo diante de Greg.

— Ele te contou que quatro passageiros pediram o dinheiro de volta, quando viram o casco do *Suzanne*? — Lance riu. — Desculpe, Greg, mas foi uma idiotice sua fazer aquilo! Com tanta coisa para escrever!

— Você é muito gentil, Kathleen — disse Greg, ignorando Lance e pegando o pão. Minha tia lhe lançou um de seus olhares:

— E serei outra coisa, completamente diferente, se você voltar a escrever aquelas palavras num lugar em que minha pequena Hannah consiga vê-las.

— A Dama dos Tubarões ainda tem dentes — disse Lance, imitando uma mordida para Greg.

Tia Kathleen o ignorou e chamou:

— Hannah, venha comer. Aposto que não almoçou. Vou buscar a salada.

— Ela comeu biscoitos — avisou Yoshi, descascando habilmente um camarão.

— Biscoitos — bufou tia Kathleen.

Estávamos reunidos, como acontecia quase toda noite com as tripulações do Cais das Baleias, do lado de fora da cozinha do hotel. Poucos eram os dias em que os tripulantes não bebiam uma ou duas cervejas antes de irem para casa. Alguns membros mais jovens, como minha tia sempre dizia, bebiam tantas que mal conseguiam chegar em casa.

Enquanto mordia um suculento camarão, notei que os aquecedores estavam do lado de fora. Poucos hóspedes do Hotel Baía da Esperança gostavam de se sentar na área externa em junho, mas, no inverno, as tripulações de observadores de baleias se reuniam ali para conversar sobre os acontecimentos no mar, independentemente do clima. Seus membros mudavam de um ano para outro, conforme as pessoas trocavam de emprego ou iam para a universidade, mas Lance, Greg, Yoshi e os outros eram uma constante na minha vida desde que eu tinha ido morar lá. Em geral, tia Kathleen ligava os aquecedores no começo do mês, e os aparelhos permaneciam ligados quase toda noite, até setembro.

— Vocês levaram muita gente no barco? — perguntou ela, voltando com a salada. Misturou-a com dedos hábeis e rápidos e colocou uma porção no meu prato antes que eu pudesse protestar. — Não recebi ninguém no museu.

— O *Moby I* estava bem cheio. Vários coreanos. — Yoshi deu de ombros. — Greg quase jogou metade dos dele pela amurada.

— Eles deram uma boa olhada na baleia. — Greg pegou mais um pedaço de pão. — Nenhuma reclamação. Sem necessidade de reembolsos. Tem mais cerveja, Sra. Mostyn?

— Sabe onde fica o bar. Você a viu, Hannah?

— Era enorme. Deu para enxergar até as cracas dela.

Por alguma razão, eu esperara que a baleia fosse lisa, mas sua pele era enrugada, sulcada, cravejada de outros animais marinhos, como se o animal fosse uma ilha viva.

— Estava bem perto — disse Yoshi. — Expliquei à Hannah que, em geral, não nos aproximamos tanto assim.

Greg semicerrou os olhos.

— Se ela estivesse no barco da mãe, podia ter escovado os dentes da baleia.

— É, bem, quanto menos se falar sobre isso... — Tia Kathleen balançou a cabeça. — Nem uma palavra — acrescentou baixinho, virando-se para mim. — Foi só esta vez.

Assenti, obediente. Era o terceiro “só esta vez” naquele mês.

— O tal do Mitchell apareceu? É bom vocês ficarem de olho nele. Soube que está se juntando àquela turma de Sydney que tem os barcos grandes.

Todos ergueram os olhos.

— Pensei que o Serviço de Parques Nacionais e Proteção da Fauna Silvestre os tivesse afastado daqui — disse Lance.

— Quando fui ao mercado de peixes — comentou tia Kathleen —, me contaram que viram um deles lá fora, perto dos pontais. Tinha música alta e gente dançando nos conveses. Parecia uma discoteca. E arruinou a pesca noturna. Mas, quando o pessoal dos Parques e da Fauna Silvestre chegou, eles já tinham ido embora fazia tempo. Impossível provar qualquer coisa.

Silver Bay tinha um equilíbrio delicado: com poucos turistas para observar as baleias, era impossível sustentar o negócio, mas turistas em excesso perturbavam as criaturas que essa atividade pretendia exhibir.

Lance e Greg já haviam encontrado os catamarãs de três andares vindos de fora da baía, quase sempre tocando música alta, com os conveses lotados de passageiros, e dividiam a mesma opinião.

— Eles vão acabar com a gente — disse Lance. — São irresponsáveis. Doidos por dinheiro. Têm tudo a ver com Mitchell.

Eu não tinha percebido como estava faminta. Comi seis camarões enormes, um atrás do outro, perseguindo os dedos de Greg em volta da travessa vazia. Ele riu e balançou uma cabeça de camarão para mim. Mostrei-lhe a língua. Acho que tenho uma paixãozinha pelo Greg, não que pretenda contar isso a alguém.

— Sim, senhor, aí está ela. A Princesa das Baleias.

— Muito engraçado. — Minha mãe jogou as chaves na mesa e fez sinal para Yoshi chegar um pouco para o lado, para que ela pudesse se espremer junto a mim. Deu um beijo na minha cabeça. — Teve um bom dia, amorzinho? — perguntou.

Ela cheirava a protetor solar e maresia.

Dei uma olhadela na minha tia e respondi:

— Ótimo.

Eu me curvei para acariciar as orelhas da Milly, agradecida por mamãe não ter reparado no meu rosto corado de sol. Minha cabeça ainda rodava com a visão daquela baleia. Eu devia estar irradiando essa sensação, mas mamãe pegou um copo e começou a se servir de água.

— O que andou fazendo? — perguntou ela.

— É, o que andou fazendo, Hannah? — repetiu Greg, dando uma piscadela.

— Ela me ajudou a arrumar as camas hoje de manhã. — Tia Kathleen lançou um olhar furioso para ele. — Eu soube que *you* teve uma ótima tarde.

— Não foi ruim — disse mamãe, bebendo a água. — Nossa, que sede! Você bebeu bastante água hoje, Hannah? Ela bebeu, Kathleen?

Seu sotaque britânico continuava presente, mesmo depois de tantos anos na Austrália.

— Bebeu o bastante, sim. Quantas você viu?

— Ela nunca bebe água suficiente. Só uma. Grandona. Levantou a cauda e deu um banho na minha bolsa. Olhe. — Ergueu o talão de cheques, com as bordas franzidas e tortas.

— Bem, isso é erro de amator — opinou tia Kathleen, com um suspiro de cansaço. — Não levou ninguém com você?

Mamãe negou com a cabeça e disse:

— Eu queria testar o leme novo, ver se funcionava bem num mar mais agitado. O pessoal do estaleiro tinha avisado que podia emperrar.

— E só por acaso você esbarrou com uma baleia — disse Lance.

Ela bebeu outro gole d'água.

— Mais ou menos.

Sua expressão se fechou. *Ela* se fechou. Como se o episódio da baleia nunca houvesse acontecido.

Ficamos comendo em silêncio durante alguns minutos, enquanto o sol descia devagar para o horizonte. Dois pescadores passaram e levantaram o braço para nos cumprimentar. Um deles era o pai da Lara, mas não tenho certeza se ele me reconheceu.

Mamãe comeu um pedaço de pão e uma porção minúscula de salada, menos até do que eu, que não gosto de salada. Depois, ergueu os olhos para Greg e disse:

— Eu soube do *Suzanne*.

— Metade de Port Stephens soube do *Suzanne*. — Greg tinha os olhos cansados e parecia não se barbear há uma semana.

— Sim. Bem. Lamento muito.

— Lamenta o bastante para sair comigo sexta-feira?

— Não. — Ela ficou de pé, consultou o relógio, enfiou de volta na bolsa o talão de cheques empapado, seguindo para a porta da cozinha. — Aquele leme ainda não está bom. Tenho que ligar para o estaleiro antes que o pessoal da manutenção vá embora. Não fique aqui fora sem casaco, Hannah. O vento está mais forte.

Vi mamãe se afastar, a cachorra indo atrás.

Ficamos calados até ouvir a porta de tela bater. Então Lance recostou-se na cadeira e contemplou a baía escurecida, onde mal se discernia um navio de cruzeiro no horizonte distante.

— Nossa primeira baleia e o primeiro fora que Greg leva na temporada. Há uma sincronia bonita nisso, não acham?

Lance se abaixou quando um pedaço de pão quicou na cadeira atrás dele.